



CMG (FN) Antonio **Pestana** Garcez Neto
pestana@marinha.mil.br

Ameaças Assimétricas nos conflitos atuais



O CMG (FN) **Pestana** serve atualmente no Comando do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais, como Imediato. É oriundo da Escola Naval e realizou todos os cursos de carreira, sendo o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (CEMOS) na Escola de Guerra Naval em 2011 e Curso de Altos Estudos Militares (CAEM) na Escuela Superior de Guerra de Colombia, em 2020. Foi Comandante do 2ºBtlInfFuzNav – Btl Humaitá – onde já tinha servido como Comandante de Pelotão. Além do Comando, serviu em diversas Unidades operativas e administrativas da Marinha do Brasil, dentre as quais destaca-se o BtlOpEspFuzNav – Btl Tonelero – nos cargos de Imediato, Oficial de Estado-Maior, Comandante de Companhia e Pelotão de OpEsp e na Escola Naval, como Coordenador da Formação de Fuzileiros Navais e Comandante de Companhia de Aspirantes.

Figura 1: Ataque terrorista às Torres Gêmeas em Nova York



Fonte: <<https://static.toiimg.com/photo/msid-65759987/65759987.jpg>>. Acesso em: 13 jul. 2021

Introdução

Os Estados são atores do Sistema Internacional que possuem desafios para a manutenção da sua sobrevivência, além da sua soberania e independência. Em um mundo globalizado, esses desafios podem vir de diferentes fontes e não apenas de outros Estados como costumava ocorrer até

a metade do século passado. Essa alteração é evidenciada pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação que viabiliza a interação entre pessoas em tempo real, possibilitando a intensificação das relações sociais em escala mundial, causando o paradoxo de acelerar a promoção do desenvolvimento e a expansão das instituições modernas com a reação de grupos tradicionalistas ou com poucos recursos para gerar o bem-estar esperado por sua sociedade.

Segundo Iná de Castro (2009), “As nações enfrentam hoje mais riscos e perigos provenientes das transformações em sua própria natureza do que inimigos.” A tendência mundial sugere que os conflitos sejam caracterizados pela presença de insurgentes, milícias e atores armados não estatais, o que torna o estudo desse tipo de ameaça um imperativo para os estrategistas e desenvolvedores da doutrina de emprego das forças armadas.

O advento da globalização aliado com o fim da “Guerra Fria”¹ fizeram crescer de importância uma forma de combater, provocados por agentes difusos, que utiliza a população como meio para imprimir o terror e a camuflagem

¹Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo foi dividido em dois grandes blocos, capitalistas e socialistas, liderados pelos Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, respectivamente, e desde então a guerra, do ponto de vista conceitual, deixou de ocorrer, sendo substituída por conflitos armados de menor intensidade, porém com envolvimento de atores não militares. Esse período ficou conhecido como Guerra Fria.

necessária para encobrir suas ações. Na era da informação, mensagens de pequenas, porém violentas, ações divulgadas em tempo real e para todo o mundo podem provocar danos maiores que grandes e custosas operações de força. Assim, atores menos capazes militarmente podem obter grandes resultados a ponto de definir um combate. Esta é a essência da ameaça assimétrica² atual.

Evolução do conceito de Ameaça Assimétrica

O conceito de assimetria dentro de um conflito fazia alusão à diferença da capacidade de forças, da capacidade tecnológica ou do desenvolvimento doutrinário entre os atores envolvidos e estava ligado a um formato de guerras irregulares e as guerras sem limitações, em que o fator temporal era importante aliado às forças inferiores que lutavam por meio do desgaste das tropas com poderio superior.

Entretanto, há uma outra forma de assimetria que pode levar a definir a forma de combater, que é a chamada assimetria reversa, uma autolimitação do uso da força em toda sua plenitude por Estados ou por forças armadas quando o combate é contra grupos não estatais, que não seguem o Direito Internacional para os Conflitos Armados, ou contra sociedades dispostas ao emprego irrestrito de suas forças militares. Ou seja, uma assimetria de valores e de princípios morais e legais que limitam um dos oponentes em conflito.

Visto que podemos encontrar na história das guerras vastos exemplos de assimetrias nos conflitos, por que considerar esse tipo de ameaça uma nova tendência? A resposta a essa questão está no surgimento de Estados falidos que favorecem ao aumento do número de grupos insurgentes, de milícias e de grupos armados não estatais, acrescentando-se o

Figura 2: Guerra do Afeganistão. Atores estatais combatendo contra atores não estatais. A imagem mostra que o inimigo não lutava em uma frente de batalha definida e poderia estar em qualquer parte



Fonte: <<https://www.novacultura.info/post/2021/06/29/afeganistao-da-guerra-ao-terror-a-guerra-civil/>>

²Ameaça Assimétrica é a ameaça decorrente da possibilidade de serem empregados meios ou métodos não ortodoxos, que incluem terrorismo, ataques cibernéticos, armas convencionais avançadas e armas de destruição em massa para anular ou neutralizar pontos fortes de um adversário, explorando suas fraquezas, a fim de obter um resultado desproporcional.

fato da facilidade crescente de acesso a fontes externas de apoio para fornecimento de armas e recursos financeiros a esses grupos.

Mesmo em um cenário de guerra convencional, é lícito imaginar que, durante as fases da consolidação depois de uma conquista dos objetivos principais e da estabilização, existirão grupos de pessoas armadas infiltradas na população local que buscarão levar o combate a frente não definidas, caracterizando-se, assim, de ameaças assimétricas.

Guerra de 4ª Geração

É importante entender a evolução das guerras, considerando o período pós Tratado de Vestefália, com a criação do moderno sistema internacional e o conceito de Estado-Nação até os dias de hoje, e o que motivou cada mudança para saber como as ameaças assimétricas se encaixam no cenário atual.

De acordo com Lind (1989), a 1ª Geração reflete a tática da era dos mosquetes (carregamento pela boca e alma lisa), onde as linhas de combate serviam para maximizar o poder de fogo e as colunas tinham pouca profundidade. Esse cenário perdurou até meados do século XIX, durante a Revolução Industrial, com a chegada de armamentos mais precisos (de alma raiada), com maior cadência de tiro e maior alcance. Essa geração caracteriza-se por um combate organizado, com ampla utilização do princípio da massa.

No final da Guerra Civil Americana (1861 – 1865), O General Ulisses Grant recorreu a técnica de trincheiras e camuflagem desenvolvendo os traços característicos da Guerra de 2ª Geração. As guerras tornaram-se mais estáticas. Armas e equipamentos foram criados e/ou aperfeiçoados, em especial o canhão, o fuzil e a metralhadora e o objetivo principal era o atrito. Segundo Lind (1989) essa geração foi resumida em uma frase pelos franceses “a artilharia conquista, a infantaria ocupa”, indicando que o fogo era mais importante que o movimento. Este período durou de meados dos anos 1860 até a I Guerra Mundial.

A 3ª geração é focada na manobra, deixando para trás a prioridade da atrição. O surgimento dos blindados e da aviação são símbolos que evidenciam essa geração e evidenciou a necessidade de romper as linhas inimigas com velocidade e surpresa. Ocorreu após a I Guerra Mundial, com o mundo ainda impactado pela quantidade de mortos durante a guerra. Um exemplo de manobra foram as guerras relâmpagos ou “blitzkriegs” alemães, que surpreendeu

as Forças Aliadas no início da II Guerra Mundial com tropas com grande manobrabilidade proteção blindada e poder de fogo. Surgiram os conceitos de guerra de manobra, o combate deixou de ser linear, mas de aproximação e destruição, e passou a estar direcionado ao uso da força na vulnerabilidade crítica do inimigo.

As doutrinas existentes atualmente permanecem influenciadas por esse tipo de guerra e são válidas para um combate dito convencional. Entretanto, o surgimento de armas de destruição em massa, no final em meados da década de 1940, fez com que a guerra convencional entre grandes potências se tornasse extremamente perigosa para a população não envolvida diretamente em um conflito e, consequentemente, mais improvável. Surge o conceito de guerra de 4ª geração, caracterizado pela descentralização da guerra, em que atores não estatais se opõem a atores estatais, criado por William S. Lind, em 1989, onde são empregados todos os meios disponíveis, seja político, econômico, social ou militar. Surgem conflitos irregulares, como os contraguerrilhas e movimentos de resistência, além do combate contra o terrorismo. A maior diferença entre essa geração e as anteriores é que não existe

o conceito de vitória no campo de batalha e, consequentemente, não há declaração de vencedores.

Segundo Ruivo (2016, p. 8), essa geração pode ser reconhecida por quatro ideias. A primeira está na dimensão do campo de batalha, que inclui toda a sociedade inimiga. A segunda ideia é uma decrescente dependência na logística centralizada. A terceira é uma maior ênfase na guerra de manobra, em que ‘apenas’ o efetivo da tropa e o poder de fogo não serão mais fatores de vantagem esmagadora. A quarta e última ideia está pautada na destruição da capacidade interna de coesão do inimigo; em vez de destruí-lo fisicamente. Em um conflito de 4ª geração, a importância da flexibilidade no planejamento e na execução das operações exige uma grande capacidade de Comando e Controle, com o aumento do emprego da inteligência para que se possa alcançar o objetivo final desejado.

Em todas as gerações da guerra pode-se admitir o emprego de ameaças assimétricas, mas com a evolução dos conflitos e com a chamada 4ª geração, fica mais caracterizado que o emprego desse tipo de ameaça será a tendência nas guerras.

1ª Geração	2ª Geração	3ª Geração	4ª Geração
Atores Não Estatais	Atores Estatais	Atores Estatais	Múltiplos Atores
Guerra Convencional	Guerra Convencional	Guerra Convencional	Guerra Irregular
Atrição	Atrição	Manobra	Manobra
Linha – Coluna	Concentração de Fogo	Espaços e Superfícies	Espaços e Superfícies

*Comparação entre as gerações da guerra (BARATA et PIEDADE, 2014)

O CFN e as Ameaças Assimétricas

Segundo o AlteEsq (FN) Alvaro Augusto Dias Monteiro, o CFN deve estar pronto para atuar tempestivamente em qualquer tipo de terreno que configure um cenário estratégico de interesse. Orientado pelo descrito no artigo “A Próxima Singradura”, o Corpo adotou os três eixos estruturantes, Operação Anfíbia, Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) e Guerra de Manobra como forma de se tornar imprescindível para a proteção da Amazônia

Azul e conferir credibilidade à presença do Poder Naval no Atlântico Sul, seus contornos e ilhas oceânicas.

Com a evolução da guerra, podemos observar uma tendência crescente da incidência das ameaças assimétricas o que não significa necessariamente uma necessidade de alteração de rumo, pois, ainda que estejamos vivendo a 4ª geração dos conflitos, conceitos básicos das demais gerações continuam válidos. Pelo contrário, a Guerra de Manobra não poderia estar mais atual, o combate contra as ameaças

assimétricas deve priorizar a aproximação indireta, buscando as vulnerabilidades do inimigo e combatendo onde e quando for mais vantajoso.

Um combate convencional poderá se transformar em uma guerra irregular depois de conquistados os objetivos finais, pois em muitos Estados existe a cultura de incentivar a criação/manutenção de milícias armadas que se confundem com a população e que se enquadram como ameaças assimétricas. Importante nesse tipo de combate estar com o completo entendimento do que está ocorrendo no terreno, ter consciência situacional de modo a poder entender a mudança da postura de guerra convencional para uma guerra irregular. Segundo Gen Anthony C. Zinni, do USMC:

“Se estamos falando sobre o futuro, precisamos falar sobre como ganhar a paz não como uma parte separada da guerra, você tem que olhar para o que está ocorrendo do início ao fim. Não é um conflito em fases; não há uma parte de combate e depois outra parte.” (SCHLOSSER, 2015).

Para tal, é imprescindível estar atento as medidas de segurança em todos os momentos da operação, estar sensível às necessidades dos habitantes locais e ter fortes agências de inteligência para identificar essas ameaças assim que possível. Atuar em pequenos escalões para expandir a área coberta pelas tropas, provendo uma sensação de presença e segurança, é uma solução para estar em áreas dominadas por agentes que servem de ameaça. Para isso, as frações e, principalmente, as subunidades devem ter capacidade para controlar seus efetivos em qualquer ambiente. É importante ressaltar que a descentralização e capacidade da informação ser transmitida em tempo real influenciarão na forma de atuar, pois uma ação de um grupo de militares dispostos no terreno pode ter uma consequência política ou estratégica para o desfecho do conflito.

Como vimos anteriormente, inimigos mais débeis utilizarão de ações midiáticas, muitas vezes violentas, para interferir no destino da guerra, buscando atingir as tropas de forma a dar o máximo de publicidade para minar a vontade de combater de quem está realizando a projeção de poder ou explorando a ação visando a atingir a opinião pública de forma a pressionar o nível político do atacante, corroborando, assim, a ideia de produzir ações no nível tático impactando as decisões nos níveis político e estratégico. Visualiza-se que, em um primeiro momento, será necessário ser resiliente (governo e tropa) para suportar os ataques violentos e as pressões políticas e, assim como em qualquer desembarque anfíbio, valer-se da inteligência para antecipar movimentos. No sentido de combater o que é mais importante para as ameaças assimétricas, o apoio popular, deve-se conduzir

ações relevantes no campo informacional, em paralelo com as operações militares convencionais, para conseguir obter o apoio da população da área de operações.

O CFN, por possuir um efetivo pequeno e o desenvolvimento doutrinário centralizado, tem a grande vantagem de poder disseminar com rapidez e eficiência os ensinamentos colhidos em combate. A experiência no Haiti mostra que os conhecimentos do terreno e do inimigo eram transmitidos de forma simples por meio de palestras e adestramentos entre os contingentes que retornavam ao Brasil e aqueles que estavam em preparação para assumir seu papel no GptOpFuzNav-Haiti. Na parte doutrinária, existe um manual sobre um assunto correlato que é o CGCFN-2-5 – MANUAL DE OPERAÇÕES CONTRA FORÇAS IRREGULARES DE FUZILEIROS NAVAIS, que trata de como se contrapor a maioria das ameaças assimétricas visualizadas. Além disso, qualquer prática reconhecidamente vantajosa para a tropa que está atuando é disseminada de forma tempestiva e inserida nos temas de adestramento para serem treinadas pelos militares do Corpo.

Outra vantagem do efetivo reduzido do CFN é a facilidade e rapidez na transmissão das ordens e intenções dos mais altos escalões de forma clara e objetiva para todos os integrantes da tropa, mitigando-se, assim, que atitudes isoladas ou individuais sejam incoerentes com o propósito da operação visualizado pelo nível operacional.

Conclusão

Os Estados continuam sendo os principais atores no Sistema Internacional, entretanto as ameaças ao ambiente de segurança deixaram de ser exclusividade desses atores. Atores não estatais, com capacidade cada vez mais sofisticada, podem impactar assuntos regionais e até globais. Esses atores, que fazem parte das chamadas ameaças assimétricas, não seguem o ordenamento jurídico do Sistema Internacional e as Forças Armadas devem estar preparadas para essa situação, além de ter o desafio de combater com a limitação imposta por sua cultura e pela moralidade da sua sociedade. Essa deve ser a tendência das guerras ditas de 4ª geração, onde não há um campo de batalha definido e a guerra no terreno mescla o convencional com o assimétrico.

Durante o emprego de tropas em combate, em paralelo às ações ofensivas e defensivas, deve-se empregar intensamente a inteligência, trabalhar no campo informacional e estar atento às demandas da sociedade local, para garantir e manter o apoio dessa população, contribuindo com as medidas de segurança da topa e reduzindo o principal apoio às ações de guerra irregular, o apoio popular.

As ameaças assimétricas, ainda que não sejam uma novidade nos campos de batalha, podem ser classificadas como novas tendências por estarem mescladas em todos os tipos de conflitos da atualidade, além de terem armas e técnicas com capacidade de realizar ações que podem

impactar na vontade de combater das tropas e da sociedade, devem sempre ser estudadas e uma boa oportunidade para isso é inserir nos temas de adestramentos para levantamento de lições aprendidas e possíveis aprimoramentos na doutrina existente.



Referências

BARATA, P. G.; PIEDADE, J. C. Da primeira grande guerra às guerras de quinta geração: a transformação da guerra e as novas ameaças. In.: II CONGRESSO INTERNACIONAL DO OBSERVARE. 2 jul. 2014, Coimbra. Actas [...]. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa Disponível em: <http://observare.ual.pt/conference/images/2nd_conference_2014/livro_actas_2014/pedro_barata_joao_piedade.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

BOOT, M. **More** small wars: counterinsurgency is here to stay. **Foreign Affairs**, nov. / dec. 2014. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/libya/more-small-wars/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

CASTRO, I. E. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

FRIEDE, R. Guerra Assimétrica Reversa. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 26, n. 53, p. 48-65, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/248/220>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

GLEIMAN, J. K. Give (Unconventional) war a chance. **The Strategist**, 24 out. 2014. Disponível em: <<https://www.aspistrategist.org.au/give-unconventional-war-a-chance/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

HURTADO, J. R.; MONCADA, L. A.; CASTRO, C. A.; CABRERA, A. J. Discusión epistemológica de la guerra asimétrica: adopción contemporánea de la asimetría interestatal. **Revista Científica "General José María Córdova"**, p. 91-105, 2012.

LIND, W. S.; NIGHTENGALE, K.; SCHMITT, J. F.; SUTTON, J. W.; WILSON, G. I. The changing face of war: into the fourth generation. **Marine Corps Gazette**, Quantico, VA, p. 22-28, out. 1989.

MONTEIRO, Alvaro Augusto Dias. A próxima singradura. **O Anfibio**, Rio de Janeiro, ano XXIX, p. 9-68, out. 2010. Edição extra.

RUIVO, M. M. A Guerra Moderna e suas transformações: da 1ª geração à guerra cibernética e o impacto na segurança internacional. In.: IV SEMINÁRIO DISCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA DA USP, 2016, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://sdpsc.ufflch.usp.br/sites/sdpsc.ufflch.usp.br/files/inline-files/142-452-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SCHLOSSER, N. J. **U.S. Marines and irregular warfare**: training and education, 2000-2010. Quantico: History Division USMC, 2015.

